



EDIÇÃO: LILLY WORKNEH
PREFÁCIO: CASHAWN A. THOMPSON



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Tradução
Flávia Yacubian

OU TRO Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rebel Girls, Inc., 2021

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright de tradução © Flávia Yacubian, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Good Night Stories for Rebel Girls: 100 Real-Life Tales of Black Girl Magic*

Preparação: Mariana Silvestre e Camila de Souza Gonçalves

Revisão: Layane Almeida e Tamiris Sene

Direção editorial e de arte original: Giulia Flamini

Editor: Lilly Workneh

Design original de capa e miolo: Annalisa Ventura

Diagramação: Vanessa Lima

Capa: Adaptada do projeto original de Pemberley Pond

Adaptação de lettering de capa: Juliana Moore

Ilustrações de capa: Olivia Fields (Shirley Chisholm), Alleanna Harris (Jeanette Epps), Johnalynn Holland (Aretha Franklin), Danielle Elysse Mann (Naomi Osaka)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Flamini, Giulia

Histórias de ninar para garotas rebeldes : 100 mulheres negras extraordinárias / Rebel Girls ; tradução de Flávia Yacubian. — São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
240 p. : il., color.

ISBN: 978-85-422-2928-8

Título original: *Good Night Stories for Rebel Girls: 100 Real-Life Tales of Black Girl Magic*

1. Mulheres – Biografia – Literatura infantojuvenil 2. Mulheres negras I. Garotas rebeldes II. Yacubian, Flávia

24-4776

CDD 920.72

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres – Biografia – Literatura infantojuvenil



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável de florestas do mundo e outras fontes controladas.

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

ADRIANA BARBOSA



EMPRESÁRIA



Quando Adriana era criança, sua avó lhe deu um conselho: “Venda hoje e coma amanhã”. Na feira, em São Paulo, Adriana observava o conselho se tornar realidade. As mulheres ficavam em suas barracas coloridas, vendendo alimentos. Se não vendessem, não havia como alimentar a família.

Adriana começou a trabalhar aos 15 anos para ajudar em casa. Porém, aos 25 ficou desempregada e sem recursos. Assim, montou um brechó na beira da estrada. Sentada ali, sob o sol escaldante, fez amizade com uma vendedora de salgados. Juntas, bolaram uma ideia fantástica, que logo puseram em prática. Chamaram-na de Feira Preta.

A primeira Feira Preta aconteceu em 2002 e era voltada para negócios de pessoas negras. Os quarenta expositores receberam cinco mil visitantes em um único fim de semana! Vendia-se de tudo: óleos capilares, turbantes, produtos de beleza naturais, tecidos estampados, artesanatos, brinquedos, sapatos e muito mais.

A cada ano, mais expositores se juntavam à feira, que recebia ainda mais consumidores. Assim, Adriana precisou arranjar uma locação maior. A Feira Preta transformou-se em uma celebração de vinte dias de arte, cultura, ciências, palestras e debates políticos em torno da negritude. Mais de vinte anos depois, a feira ainda segue firme e forte.

Adriana começou um programa de treinamento para empresários negros e organizou eventos para reuni-los. Também montou uma plataforma online para os expositores da Feira Preta comercializarem seus produtos. Em tudo o que faz, ela apoia os empresários negros e os ajuda a fortalecer seus negócios com estratégia e criatividade.

NASCIDA EM 28 DE AGOSTO DE 1978

BRASIL





**“TEMOS
UMA VEIA
EMPRESARIAL
MUITO FORTE.
ESTÁ NO
NOSSO DNA.”**
—ADRIANA
BARBOSA

ILUSTRADA POR
MARINA VENANCIO

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ALICIA GARZA, OPAL TOMETI E PATRISSE CULLORS



ATIVISTAS



Como muitas pessoas dos Estados Unidos, Alicia prestou atenção ao julgamento sobre a morte de um jovem negro chamado Trayvon Martin. Após três semanas, saiu o veredito e o homem responsável pela morte foi liberado pela justiça. Alicia ficou revoltada. No dia 13 de julho de 2013, ela postou no Facebook: “Pessoas negras. Eu amo vocês. Eu amo a gente. Nossas vidas importam”.

Sua amiga Patrisse respondeu e acrescentou a hashtag #BlackLives-Matter [#VidasNegrasImportam, em português]. Nascia um movimento poderoso.

Pessoas por todo os Estados Unidos começaram a usar a hashtag. Falavam sobre o tratamento desigual que as pessoas pretas recebem. Logo a conversa virou ação. Patrisse coliderou uma jornada de ônibus com mais de seiscentas pessoas atravessando o país a partir de Ferguson, Missouri e outras cidades onde jovens pretos foram assassinados.

A amiga delas de origem nigeriana, Opal, sabia que estavam fazendo algo muito potente. Mas reconhecia que o movimento precisava de um espaço político, um local onde as pessoas pudessem se conectar e colaborar. Então essas três organizadoras formaram uma rede global inovadora com mais de quarenta comitês. Os grupos trabalham de maneira local para enfrentar injustiças contra comunidades negras, apoiar a arte e a cultura negra e celebrar a alegria dessa população. O movimento #VidasNegrasImportam inspirou inúmeras pessoas a se juntar para lutar a favor da igualdade, seja por meio de passeatas, protestos, petições ou pelo voto eleitoral.

ALICIA GARZA NASCIDA EM 4 DE JANEIRO DE 1981
OPAL TOMETI NASCIDA EM 15 DE AGOSTO DE 1984
PATRISSE CULLORS NASCIDA EM 20 DE JUNHO DE 1983

ESTADOS UNIDOS



**"SOMOS UMA GERAÇÃO
INCLINADA PARA A AÇÃO."
—PATRISSE CULLORS**

ILUSTRADAS POR
NAKI NARH



TRECHO DE "SOMOS UMA GERAÇÃO INCLINADA PARA A AÇÃO" DE PATRISSE CULLORS

AMANDA GORMAN

POETA

Era uma vez uma menina que não imaginava que, um dia, impressionaria o mundo com suas palavras.

Na infância, Amanda percebeu que não escutava como as outras crianças. Ela não aprendia a ler no mesmo ritmo que seus colegas de classe e tinha problemas para emitir alguns sons. No entanto, não deixou que esses desafios a impedissem de se expressar.

No terceiro ano, seu professor apresentou-lhe a poesia. Amanda amou como as palavras podiam pintar belas imagens, criar personagens e fazer com que as mensagens ganhassem vida. Escrever poesia foi algo que Amanda aprendeu naturalmente. E ler seus poemas em voz alta a ajudou a praticar sua habilidade de fala.

Em seus poemas poderosos, Amanda defendia uma mudança no mundo. Quando estava no ensino médio, começou a ganhar prêmios pelo seu trabalho com a escrita. Ela também se tornou a primeira ganhadora do prêmio National Youth Poet Laureate – uma grande honra!

Aos 22 anos, Amanda recebeu um convite incrível. Foi chamada para escrever um poema para a posse presidencial de 2021 nos Estados Unidos.

E, em um dia frio de janeiro, ficou de pé diante de uma multidão e de várias câmeras. O vento soprava em volta dela enquanto a animação tomava conta de sua mente. Depois de uma pausa, Amanda abriu a boca. Manteve os braços abertos e, com uma voz clara e forte, leu o poema que clamava por esperança, **diversidade**, e união no país. O mundo a assistiu com admiração.

Nova no mundo da fama, Amanda disse: “Vejo que não sou um relâmpago que cai uma vez só. Sou como um furacão que vem ano após ano, e você pode esperar, pois me verá de novo.”

NASCIDA EM 7 DE MARÇO DE 1998

ESTADOS UNIDOS



“A ÚNICA COISA
QUE PODE ME PARAR
SOU EU MESMA.”
—AMANDA GORMAN

ILUSTRADA POR
KETURAH ARIEL

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ANGELA DAVIS



ATIVISTA



Era uma vez, em Birmingham, Alabama, uma menina vivaz chamada Angela. Frustrada com o **racismo** diário, ela sabia que precisaria lutar pela liberdade e pela justiça.

Ela se armou com muito conhecimento, que, nas palavras dela, “a atingiu feito um raio”, alimentando sua paixão pela igualdade. Conseguiu um emprego de professora em uma universidade e se juntou a grupos políticos como os Panteras Negras e o Partido Comunista. Algumas pessoas consideravam esses grupos perigosos, então quando os chefes de Angela descobriram que ela fazia parte deles, demitiram-na.

Angela se entregou ao ativismo. Queria acabar com o racismo e outras injustiças sofridas pelo povo negro. Lançou uma campanha para libertar presos políticos – pessoas presas por conta de seus ideais. A partir daí ela jurou não parar até todas as pessoas negras serem livres.

Logo, a própria Angela se tornou uma presa política. Foi acusada de ter cometido um crime, e, apesar de nem estar próxima ao local da ocorrência, a polícia a prendeu.

“Libertem Angela e todos os presos políticos!”, os manifestantes gritavam atrás de muros cobertos por arames farpados. Depois de quase vinte longos meses, a corte decidiu que Angela era inocente.

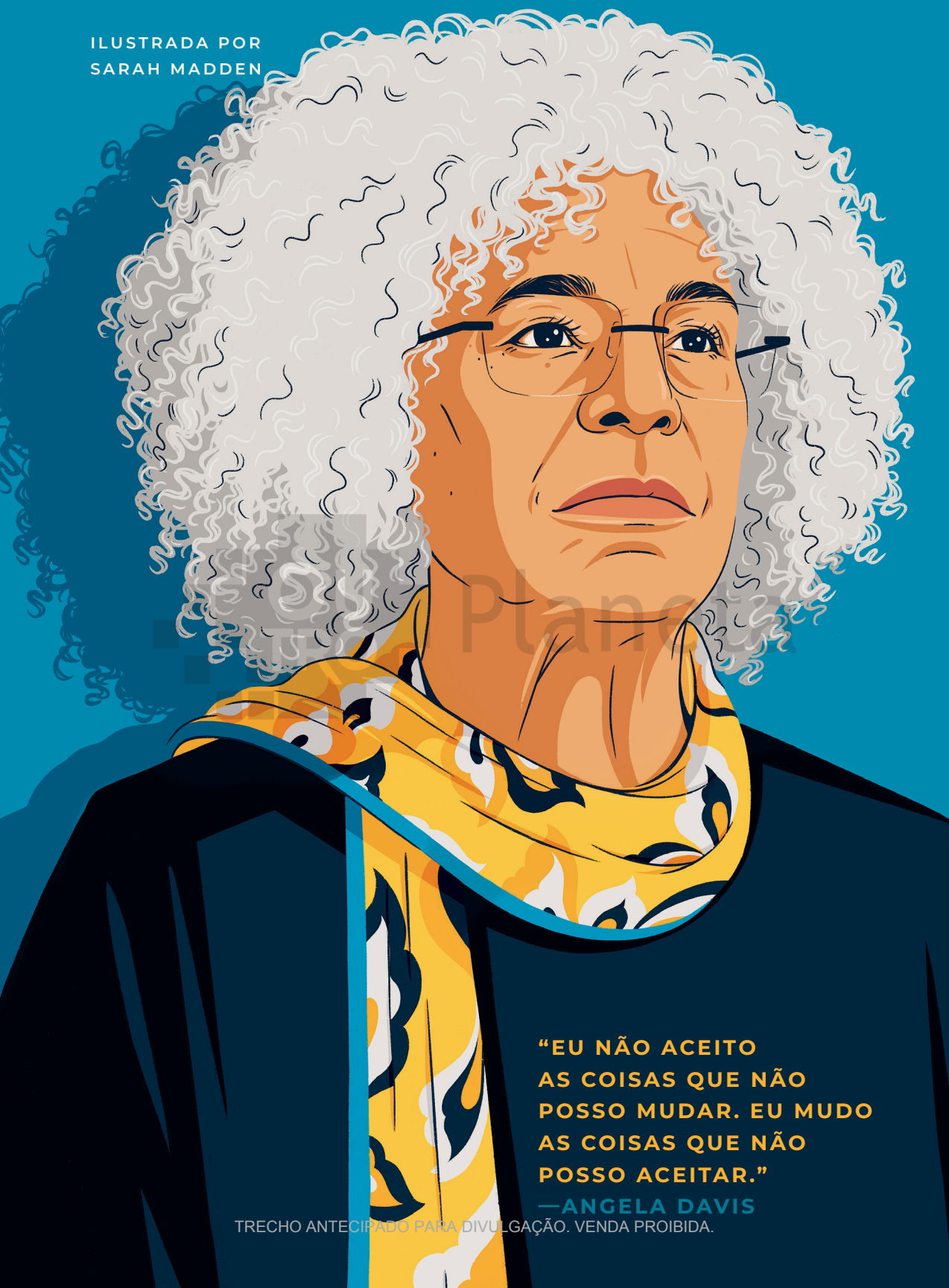
Enquanto estava atrás das grades, ela escreveu seu primeiro livro para passar o tempo. Até hoje, Angela continua a escrever, falar e ensinar sobre liberdade. “É preciso agir como se fosse possível mudar radicalmente o mundo”, ela disse. “O tempo todo.”

NASCIDA EM 26 DE JANEIRO DE 1944

ESTADOS UNIDOS



ILUSTRADA POR
SARAH MADDEN



**“EU NÃO ACEITO
AS COISAS QUE NÃO
POSSO MUDAR. EU MUDO
AS COISAS QUE NÃO
POSSO ACEITAR.”**

—ANGELA DAVIS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ANGELA JAMES



JOGADORA DE HÓQUEI



Era uma vez uma garota doce e gentil, mas perigosa no gelo! Seu nome era Angela.

Ela cresceu num bairro violento de Toronto, Canadá, e gastava energia jogando hóquei na rua com as irmãs. Ela amava! Corria com seu taco e acertava o disco preto na rede, marcando gol atrás de gol.

Não havia liga feminina de hóquei no gelo na região, então a mãe dela a inscreveu na masculina.

Angela provou para todos que era tão boa quanto os meninos – até melhor que a maioria. Era tão talentosa que passou a jogar com meninos três anos mais velhos do que ela.

Infelizmente, após um ano de treino, foi expulsa do time. A razão era clara: a liga não queria que o melhor jogador fosse uma menina!

Um tempo depois, Angela conseguiu entrar em uma liga para meninas. Precisava pegar um ônibus até o local do treino, que era distante, mas ela não se importava. Faria de tudo para jogar! Logo, a Liga Nacional de Hóquei no Gelo convidou Angela, já com 16 anos, para se juntar à equipe. Com capacete e patins, ela estava pronta!

Ela era uma máquina no gelo – uma força imparável quando estava na direção do gol. Angela jogou na liga feminina por 20 anos, acumulando vitórias e medalhas de ouro. Suas habilidades recordistas a levaram para o Hall da Fama do Hóquei, onde entrou para a história como a primeira mulher negra e a primeira jogadora lésbica assumida a ser homenageada.

NASCIDA EM 22 DE DEZEMBRO DE 1964

CANADÁ



“VOCÊ PODE ALCANÇAR O
QUE QUISER SENDO VOCÊ
MESMA. NÃO PRECISA
SER OUTRA PESSOA.”

—ANGELA JAMES



ILUSTRADA POR

KATELUN C. BREWSTER

REPRODUZIDO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA.

ANGELLA DOROTHEA FERGUSON



MÉDICA-PESQUISADORA



No ensino médio, Angella descobriu a magia da química. Embora sua família fosse pobre, ela frequentou uma universidade prestigiada. Os pais economizaram dinheiro para o primeiro ano. Para os seguintes, ela trabalhou nas férias e conquistou bolsas de estudo.

Naquela época, quando muitas mulheres negras trabalhavam como faxineiras e secretárias, Angella conseguiu ser cientista e médica. Sua matéria favorita na faculdade era pediatria. Ela escolheu trabalhar com a saúde das crianças e abriu o próprio consultório. Quando pais negros perguntavam questões como: “Quando meu bebê vai começar a andar?”, Angella percebeu que não tinha a resposta correta, pois, até então, todas as pesquisas focavam em bebês e crianças brancas.

Em parceria com um ex-professor, Angella começou a estudar bebês negros e seu desenvolvimento de perto. Logo descobriu um problema. Muitas daquelas crianças sofriam de uma doença chamada anemia falciforme. Os glóbulos vermelhos saudáveis têm formato de rosquinhas e carregam oxigênio pelo corpo, mas as células doentes se dobram em formato de C, como uma foice. Essas células podem impedir a circulação do sangue, e, quando isso acontece, a pessoa sente muita dor e pode até morrer.

Angella estudou centenas de casos. Por fim, identificou os sinais da doença e passou a encorajar famílias negras a fazerem um teste sanguíneo nas crianças para detectar se tinham anemia falciforme logo após o nascimento. Também desenvolveu tratamentos eficazes, como beber água com gás para melhorar a dor.

Angella usou a magia da ciência para melhorar a saúde de famílias negras.

NASCIDA EM 15 DE FEVEREIRO DE 1925

ESTADOS UNIDOS





ILUSTRADA POR
LYDIA MBA

Quem
TRO
Planeta

**“AQUELES QUE DESEJAM SEGUIR
UMA CARREIRA DEVEM RECEBER
A OPORTUNIDADE DE TENTAR.”
—ANGELLA DOROTHEA FERGUSON**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ANNA OLGA ALBERTINA BROWN



TRAPEZISTA

Era uma vez na Prússia, hoje conhecida como Polônia, uma jovem artista **birracial** chamada Anna. Pequena, porém incrivelmente forte, Anna juntou-se ao circo quando tinha 9 anos de idade. Com rapidez, dominou a corda bamba, o trapézio e outros atos ousados.

Com o nome artístico “Miss La La”, Anna encantava as plateias pela Europa. Em seu inesquecível número “mandíbula de aço”, usava uma correia de couro com um bocal numa ponta e um gancho em outra. Anna prendia a correia ao trapézio e mordida o bocal. Pendurada pelos dentes, em pleno ar, ela girava e girava!

Em seguida, Anna se dependurava pelos pés. Com a correia entre os dentes, segurava o outro trapézio, no qual uma criança, um homem e uma mulher faziam poses, inclusive ao mesmo tempo.

Ela exibía movimentos chocantes para a plateia. Pendurada por um único joelho, de ponta-cabeça, ela segurava três homens, um em cada braço, e o terceiro... pelos dentes! Então, na hora do *grand finale*, Anna erguia um canhão de ferro preso a uma corrente que ela segurava na boca e – BUM! –, ele disparava. O corpo dela voava para trás com a explosão. A plateia ficava assombrada pois Anna ainda segurava o canhão fumegante pela boca.

O famoso pintor francês Edgar Degas ficou tão fascinado com a performance de Anna que a retratou. A graça e a força da primeira estrela negra do circo europeu ficaram registradas para sempre na tela.

NASCIDA EM 21 DE ABRIL DE 1858 — FALECIDA APÓS 1919

POLÔNIA





ILUSTRADA POR
TONI D. CHAMBERS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

ANNE-MARIE IMAFIDON



MATEMÁTICA



Um dia, no leste de Londres, uma menina chamada Anne-Marie digitou a história da *Chapeuzinho Vermelho* no computador. Ela mudou a cor da famosa capa vermelha e salvou a história como “Chapeuzinho Roxo”. No dia seguinte, a criação dela continuava lá! Foi assim que ela se apaixonou por tecnologia.

Durante a infância, Anne-Marie não desenhava nem escrevia muito. Mas sua criatividade reluzia quando criava sites no computador do pai.

Muito inteligente, Anne-Marie desmontava aparelhos eletrônicos para entender como funcionavam, sabia quase todas as respostas na sala de aula, então, logo ficou entediada. Por isso a escola a avançou de ano. Aos 11, foi a menina mais jovem a passar no exame de ciência da computação de nível A – um exame que estudantes britânicos geralmente fazem aos 16 anos.

Na faculdade, Anne-Marie era uma das três garotas nas aulas de matemática e ciência da computação. Certa vez, participou de uma conferência em homenagem a mulheres nessa área. Nunca tinha visto tantas tecnólogas!

Preocupada com o pequeno número de mulheres entrando nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM, na sigla em inglês), Anne-Marie cofundou a Stemettes. Nos eventos, as garotas fazem experiências e se divertem, aprendendo códigos computacionais e a hackear. Também participam de oficinas nas quais as equipes criam seus próprios aplicativos para solucionar problemas, como ajudar **refugiados** a se comunicar em outro idioma e promover avisos para ninguém se atrasar para as aulas.

Muitas garotas dizem que não vão atrás de estudos STEM porque não veem mulheres fazendo “coisas científicas”. Anne-Marie quer mudar esse cenário.

NASCIDA EM 24 DE JUNHO DE 1989

REINO UNIDO



$$Q = cm$$

$$V = \frac{\Sigma}{3} = \frac{N}{N_A}$$

ILUSTRADA POR
MAYA EALEY

$$\phi = BS \cos(Bn)$$

$$V - V_0 = \beta V_0 (t - t_0)$$

$$\beta = \frac{v^2}{c^2}$$

$$pV = R$$



**"A HISTÓRIA CIENTÍFICA
ESTÁ ESQUECENDO
SUAS PROTAGONISTAS."**

—ANNE-MARIE IMAFIDON

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

ARETHA FRANKLIN



CANTORA



Era uma vez uma garota que transformava sua tristeza em música comovente, que enchia a alma de emoção.

Aretha odiava que mandassem nela. Na verdade, quando seu primeiro professor de piano veio à sua casa, ela se escondeu em vez de fazer a aula. Cantava na igreja onde o seu pai era pastor e se apresentava em casa com o piano da família. “Ah, como essa menina canta bem!”, todos diziam.

Ninguém sabia de onde vinha aquela voz incrível, mas alguns dizem que a origem estava no sofrimento que Aretha vivenciou. Toda a dor foi canalizada como um feitiço em uma música crua e apaixonada.

Em uma de suas canções, ela exigia o que sabia merecer: “um pouco de respeito”. Sua canção “Respect” (Respeito, em português), ecoava nas mulheres magoadas pelos homens. Ecoava no povo negro, humilhado pelos racistas. Tornou-se um hino do **movimento pelos direitos civis**.

Aretha aprimorava sempre seu talento e sua performance. Ela dominou os estilos gospel, jazz, blues e R&B. Certa vez, avisada em cima da hora, ela substituiu o famoso cantor de ópera Luciano Pavarotti, que ficou doente antes do Prêmio Grammy de 1998. Aretha foi lá e cantou a famosa ária “Nessun dorma” para um público composto por músicos célebres. Quando terminou, eles ficaram de pé e a aplaudiram. A “Rainha do Soul” foi respeitada como merecia!

No final da sua carreira, Aretha foi a primeira mulher a estar no Hall da Fama do Rock, e 43 de seus *singles* alcançaram o Top 40. Além disso, ganhou dezoito Grammys e vinte de suas canções alcançaram o topo das paradas de R&B.

NASCIDA EM 25 DE MARÇO DE 1942 – FALECIDA EM 16 DE AGOSTO DE 2018

ESTADOS UNIDOS



ILUSTRADA POR
JOHNALYNN HOLLAND



“SOUL PARA MIM
É UM SENTIMENTO,
MUITA PROFUNDIDADE
E SER CAPAZ DE TRAZER
À TONA O QUE VIVE NO
NOSSO INTERIOR.”

—ARETHA FRANKLIN

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



ARIAM TEKLE



APRESENTADORA DE PODCAST E DOCUMENTARISTA

Ariam passou a infância se questionando quem ela era. Cresceu em Milão, no norte da Itália, mas seus pais vinham de um país do leste africano chamado Eritreia. Mudaram-se para a Itália na década de 1970, onde Ariam nasceu.

Conforme crescia, Ariam não via pessoas que se pareciam com ela nas lojas ou nas notícias. Todos que a conheciam supunham que ela não fosse italiana. Ela ficava pensando se outros italianos de origem eritreia passavam pelas mesmas experiências. Então, ela decidiu perguntar.

Na universidade, Ariam produziu um documentário sobre as histórias da **segunda geração** de eritreus e como eles tinham dificuldade em serem aceitos. “Falamos de uma população às sombras”, ela disse, “uma geração invisível”. Algumas pessoas eram tímidas, mas foram se abrindo e contaram suas histórias.

Alguns anos depois, Ariam e uma amiga começaram um podcast chamado #BlackCoffee. Era um espaço para discutir os desafios enfrentados por italianos negros e a construção dessa identidade.

No começo de 2020, surgiram protestos contra a violência policial nos Estados Unidos. Os protestos influenciaram outras demonstrações semelhantes mundo afora, inclusive na Itália. De repente, Ariam notou que mais pessoas ouviam o #BlackCoffee. Daí em diante o programa se tornou uma fonte importante para italianos aprenderem mais sobre a luta contra o **racismo**.

Ariam não era mais uma menina fazendo perguntas sozinha, ela uniu pessoas para que pudessem enfrentar desafios juntos.

NASCIDA EM 14 DE OUTUBRO DE 1988

ITÁLIA



ILUSTRADA POR
AURÉLIA DURAND



**“SEMPRE FALAMOS SOBRE O RACISMO
ESTRUTURAL. A DIFERENÇA É QUE AGORA
O MUNDO ENFIM ESTÁ OUVINDO.”**

—ARIAM TEKLE

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

AUDRE LORDE



POETA



Era uma vez uma menina que só começou a falar aos 4 anos de idade. Mas Audre ouvia tudo com muita atenção e, quando finalmente falou, o que acabou saindo de sua boca era lindo.

Audre aprendeu bem cedo que palavras são poderosas. No ensino médio, memorizou poemas consagrados de grandes poetas. Mas palavras emprestadas logo se tornaram insuficientes para ela. A poeta iniciante e as amigas de escola, todas filhas de **imigrantes**, formavam um grupo chamado “As marcadas”. Os pais de Audre vinham de Barbados e Granada.

A jovem fazia bicos enquanto estudava para se tornar bibliotecária. Contudo, em 1968, Audre publicou sua primeira coletânea de poemas chamada *The First Cities* [As primeiras cidades, em tradução livre]. E ficou muito alegre ao ler nas páginas do livro novinho em folha aquelas palavras poderosas. As palavras dela.

A cada dois anos, Audre lançava uma nova coletânea, até que em 1978 lançou sua obra-prima, *A unicórnio preta*. Naquele mesmo ano, ela descobriu que estava com câncer de mama e começou o tratamento. Escreveu sobre a doença e a dor que sentia. Esperava que outros na luta contra o câncer não se sentissem tão sozinhos.

Audre não escrevia apenas palavras bonitas. Suas palavras clamavam por mudança social, aceitação e celebração das diferenças. Unida a um grupo de amigas escritoras, ela abriu uma editora chamada Kitchen Table: The Women of Color Press [Mesa de cozinha: editora das mulheres não brancas, em tradução livre] para empoderar vozes femininas.

Ela se descrevia como “preta, feminista, lésbica, mãe, guerreira e poeta”, e sempre vai ser lembrada por suas palavras corajosas.

NASCIDA EM 18 DE FEVEREIRO DE 1934 – FALECIDA EM 17 DE NOVEMBRO DE 1992

ESTADOS UNIDOS



A stylized illustration of Audre Lorde, a Black woman with short, dark, curly hair. She is looking slightly to the right with a thoughtful expression. She is wearing a white top with a pattern of small, dark, vertical dashes. The background is a solid orange color with a large, textured, reddish-orange circle behind her head. The text is in the upper right corner.

**“QUANDO FALAMOS,
TEMEMOS QUE
NOSSAS PALAVRAS
NÃO SEJAM OUVIDAS
OU BEM-VINDAS. MAS
QUANDO FICAMOS EM
SILÊNCIO, O TEMOR
CONTINUA LÁ. ENTÃO
É MELHOR FALAR.”**

—AUDRE LORDE

OUTRO Planeta

**ILUSTRADA POR
KELSEE THOMAS**

AUGUSTA SAVAGE

ESCULTORA

Na Flórida, nos Estados Unidos, uma menina chamada Augusta tinha treze irmãos e nenhum brinquedo. Ela amava enfiar as mãos na argila vermelha do seu quintal. Em vez de fazer bolinhos com a lama, moldava a argila na forma de patos e outros animais.

Com 29 anos, pouco dinheiro e muito incentivo de sua professora, Augusta se mudou para o Harlem – um importante bairro negro de Nova York – onde ganhou uma bolsa de estudos em uma prestigiada escola de arte.

Enquanto muitos artistas da época retratavam pessoas negras com traços exagerados, Augusta e outros artistas da **Renascença do Harlem** rejeitavam essas representações ofensivas. Como escultora, criava imagens realistas da população negra.

Augusta conseguiu uma bolsa de estudos para uma escola de arte em Paris, mas quando o comitê de seleção descobriu que ela era negra, retirou a proposta. Augusta expôs a questão, pois se posicionava não só por si, mas pelos futuros estudantes pretos, pardos e mestiços. Seis anos depois, chegou a Paris com outra bolsa!

Lá, exibiu sua arte e ganhou prêmios.

Quando retornou aos Estados Unidos, transformou seu estúdio em uma escola gratuita onde orientava futuros artistas importantes. Para a Feira Mundial de 1939, Augusta fez uma escultura memorável chamada *A Harpa*. Nela, doze crianças negras estavam sobre a mão de Deus, como se fossem cordas de uma harpa. Como muitos de seus trabalhos, *A Harpa* não sobreviveu porque ela não tinha dinheiro para fundi-la em bronze. Mesmo assim, a beleza ousada das esculturas que sobreviveram permanecem uma inspiração para todos.

NASCIDA EM 29 DE FEVEREIRO DE 1892 – FALECIDA EM 26 DE MARÇO DE 1962

ESTADOS UNIDOS